

MOACYR FELIX: NOTAS PRELIMINARES SOBRE UMA POÉTICA DA AUSÊNCIA

Diogo César Nunes¹

Resumo: O presente artigo tem a pretensão de lançar alguns apontamentos, de caráter preliminar e ensaístico, acerca de alguns temas e elementos presentes na obra poética de Moacyr Felix. Tomando como interlocutora e referência a filosofia de Giorgio Agamben, procura pôr em questão a condição identitária do poeta, a partir da noção de ãausênciaö e do ãnão-serö, como princípio dialético instituidor da escrita poética.

Palavras-chave: Moacyr Felix; ausência; poesia.

Moacyr Felix: preliminary notes on a poetics of absence

Abstract: This paper intends to release a few preliminary notes about some themes and elements in the poetic work of Moacyr Felix. In a dialogue with the philosophy of Giorgio Agamben, seeks put into question the notion of identity of the poet, through the concepts of ãabsenceö and ãnon-beingö, as dialectical principle from which derives poetic writing.

Keywords: Moacyr Felix; absence; poetry.

*Ou se vive por inteiro
ou pela metade a gente
escreve a vida
que não viveu.*

Primeira estrofe de *O Poema* (FELIX, 1981, p. 31).

I. O SER QUE É

ÕO que não foi é o ser que éö, diz um verso de *O Poema*, de Moacyr Felix (1981, p. 31). Ambíguo, ão que não foiö desenha um enigma, pois abre duas possibilidades paradoxais: não se realizou, ou nunca deixou de realizar-se; não veio ou nunca partiu? O paradoxo, todavia, pode exaurir-se através de outra possibilidade, que se apresenta como terceira margem: talvez, ão ser que éö, justamente por nunca ter se feito completado, nunca abandonou. Ou permanece ó contudo e/ou por causa disso ó exatamente por não se realizar inteiramente.

¹ Historiador; mestre e doutorando em Psicologia Social (PPGPS-UERJ). Professor da UNIABEU Centro Universitário. Pesquisador do Grupo de Pesquisa Subjetividade, Narrativas, Imagens (UERJ/CNPq). diogodcns@gmail.com

Acabar e acabado, finalizar e finalizado, consumir e consumido, consumir e consumado. O destino daquilo que se cumpre é a morte. O próprio destino teleológico, afinal, (re)concilia finalidade e fim. Entretanto, não seria morrer passagem ao nada, posto que a obra findada haveria de permanecer entre os vivos: viva, portanto, marcando a persistência do ausente ó na memória, nas marcas que deixou como legado, em determinada edificação, em determinados traços que, reutilizados, re-significados, superados e/ou atualizados, evocariam sua presença que, dilacerada, ressurgiria. Em seus vestígios, como um carma sisífico, o consumado sobre-vive e não se consome.

Seriam, pois, diversas as possibilidades de ter com a permanência do ausente, tanto como aquilo que não é mais, quanto como aquilo que falta enquanto abertura ao (e/ou insinuação do) porvir ó o que ainda não é. A fome, o sonho e o desejo são alguns exemplos de presenças da ausência, sem os quais dificilmente conceitua-se o ser-humano, contempladas suas condições animal, existencial e psicológica. As marcas da ausência enquanto latência, enquanto lugar de um ainda-não indeterminado e não pacificado, constituiriam, assim, a face d'ó ser que é do homem.

É na ausência que ão ser que éö encontra morada, seu *topos*. Ele não foi; nunca realizado, persiste. *Absentia*; *Absens*; *Ab-esse*. *Ab*: fora. Ser-fora, ausente, ão ser que éö não está dentro senão como espectro, como fantasma, como imagem enigmática que garante sua integridade dividida, apontando para a falta, para fora. ãO *fora* não é outro espaço que jaz para além de um espaço determinado, mas é a passagem, a exterioridade que lhe dá acessoö (AGAMBEN, 2013, p. 64). Ao compreender a sua própria negação, marcando presença na ausência e situando-se fora como caminho de passagem ao interior pendente, ão ser que éö, o que não foi, é uma utopia².

E o papel em branco então serve
como serve ao prisioneiro
a parede branca do cárcere.

O que não foi é o ser que é
no poema, esse ato mágico
de uma chama que inexistente
tanto mais quanto ela queima
no ar de uma cela vazia
o homem que é posto em pé
sobre os mortos do seu dia. (FELIX, 1998, p. 31).

² U-topia, u-*topos*: não-lugar, lugar outro, lugar ausente. (Diferente, portanto, de nenhum-lugar, ou lugar nenhum, o que seria a-topia). Antes de projeção de um melhor-lugar (o que seria, a rigor, eu-topia), o utópico representa a negação do *topos* presente, compreendido, neste gesto, como lugar (no tempo e/ou no espaço) precário, que deve ser superado. Portanto, ãa utopia é o lugar do ser da liberdadeö (LIMA, 2008, p. 15).

Felix deixa os versos em aberto: ão poemaö referir-se-ia ao ãser que éö, enquanto seu lugar (ãO que não foi é o ser que é no poemaö), ou então abriria nova oração, como se fosse precedido por um ponto continuativo. A pontuação ausente abre o sentido da obra, desdobrando-a, para fora, em possibilidades interpretativas. Sentido ausente é sentido outro, inacabado, vivo. Na primeira possibilidade, é o poema o lugar, por excelência, d'ó ser que é. No poema, o ser se realizaria: o ãato mágicoö da escrita seria o de consumir o que, fora dele, não foi. Ao realizar a inteireza do ser, sua verdade, o poema encontraria seu limite: ao poeta, o papel onde marca o poema, onde ele é dado e efetivado, é a parede do cárcere. Ao poeta, o poema seria, assim, a prisão e a liberdade do ser, seu lugar de consumação e morte: consumido pela chama que, inexistente, queima.

Aos mortos, gregos e romanos arcaicos acendiam o fogo sagrado. Nos altares domésticos, *héstia* grega e *vesta* romana (que acabaram por dar nome a deusas simbolizadas pelo fogo doméstico), enquanto queimasse a chama seus espíritos se fariam presentes, como divindades do lar ó *penates* para os romanos ó, cuidando da família. ãNo dejaba de arder constantemente este fuego en el altar, sino cuando había perecido toda la familia; hogar extinguido y familia extinguida eran palabras sinónimas para los antiguosö (COULANGES, 2006, p. 40). Assim, ã[...] esse ato mágico / de uma chama que inexiste / tanto mais quanto ela queimaö, que marca a prisão e a liberdade do ser, poderia sinalizar também sua morte e sobrevivência, sua persistência espiritual, divina. Enquanto queima, o fogo mantém a permanência do morto, do já realizado, não permitindo descanso absoluto e derradeiro.

No poema, o ãato mágicoö mantém o fogo acesso ãtanto mais quantoö conserva sua inexistência, sua ausência. Se, ao poeta, o poema é ão suplício e a nascenteö, limite intransponível, a pira queimando o mantém, persistente, em espectro, cuja condição de presença é ser ausente. Isto porque

[...] o autor nada pode fazer além de continuar, na obra, não realizado [...] O lugar ó ou melhor, o ter lugar ó do poema não está nem no texto nem no autor (ou o leitor): está no gesto no qual autor e leitor se põem em jogo no texto e, ao mesmo tempo, infinitamente fogem disso. (AGAMBEN, 2007, pp. 61-62-63).

O poeta, tendo encontrado o limite d'ó ser que é, sua verdade, permanece, não realizado, à espera do ato mágico que, num gesto, acenda o fogo de chama inexistente.

II. O POETA, UM EXILADO

Se somente temos acesso ao ser enquanto vida, cumpre encarar a condição trágica do homem, a sua não realização plena, que, como potência, compreende algo da sua inteireza, mas que a guarda em um lugar outro, ainda-não descoberto ó um lugar õqualquerö, no sentido dado por Agamben³. õA vida de qualquer ser humano, nos dias de hoje, não é, tenho certeza, a apropriação humana do *ser social* em que realizaria a inteireza do ser individual que ele éö, escreveu Felix na nota de introdução ao *Em Nome da Vida* (1981, p. 13). Por isso o poema, por isso o escrever, na tentativa falha de preencher o espaço ausente ó espaço de potência, de possibilidades não realizadas. Em *O Poeta*:

O poeta sempre foi um perdedor
com a tola ambição de achar-se um dia
sem a necessidade de fazer poemas
sobre a existência que lhe escapulia. (1981, p. 30).

Pois a plenitude d'ó ser que é encontrada ó ou jogada ó no poema marca o fracasso da tentativa de superar seu cárcere. O poeta é um perdedor, sempre foi, pois a inteireza do ser no poema corresponde ao escapular da existência, õo que não foiö. Sempre um perdedor, pois a ausência também não é absoluta e plena ó também a ausência é pendente: se ausente é ser-õforaö, o ser que é realiza-se integralmente õdentroö, no cárcere da folha. Portanto, o poeta é não tanto prisioneiro, mas exilado ó habitante de um lugar-outro, apátrida e instável, sem repouso garantido, expropriado do que poderia chamar de lar.

Exilado na necessidade de inventar
novas formas de pensar
o homem de amanhã no mundo de agora.
[...]
Exilado nessa necessidade de criar
os governos do povo pelo povo
com novas formas de pensar.
[...]
Exilado na necessidade de pensar
o cotidiano e seu amanhã
a retorcer-se como um feto
nos atordoamentos do hoje. (FELIX, 1977, pp. 26-77-89).

Que o homem de amanhã aproprie-se õdo *ser social* em que realizaria a inteireza do ser individual que ele éö: eis a finalidade e, nesse instante, o fim da utopia. Como ainda-não foi, a utopia é õo ser que éö. Até que se concretize, sua condição é a ausência. Até que rompa

³ Qual-quer: qual-se-quer; qual-se-queira (AGAMBEN, 2013, p. 9-11). õO ser qualquer é um desejávelö (2007, p. 53).

o cárcere do papel, o exílio do poeta será o de inventar novas formas de pensar o utópico, que institui seu próprio gesto criativo. O que importa, diz Agamben (2012, p. 66), não é tanto aprender a viver nossos sonhos, mas sim que eles aprendam a ler a nossa vida. Ou seja, que o utópico, negação do *topos* presente, lugar-outro do sonho, seja a passagem de acesso ao instante determinado negado, presente: lugar precário, mas de potências, que o poeta percebe como ausência.

III. Vestígios, escombros e naufrágios

“Ser poeta é dispor de uma voz”, escreveu Eduardo Portella (1998, p. 9) em *A Poesia em Ação*, prefácio de *Introdução a Escombros*, de Moacyr Felix. Mas a voz do escritor, diz Octavio Paz (1989, p. 117), nasce de um desacordo com o mundo, ou consigo mesmo, a expressão da vertigem ante a identidade que se desagrega. Ao apresentar *Em Nome da Vida*, Felix o anuncia como resultado do esforço de tentar ir até o fundo dos meus naufrágios e de lá trazer, sobre a página em branco, um pouco dos destroços do ser humano que não fui e que não sou. (FELIX, 1981, p. 13).

É, pois, no fundo dos naufrágios que os destroços são jogados sobre a página em branco. Não tanto expressão da vertigem, o ato da escrita marcaria o próprio instante da desagregação. “Escrever é quebrar o vínculo que une a palavra ao eu.” (BLANCHOT, 2010, p. 17). A página que emerge, não mais em branco, traz um pouco dos destroços; haveriam ficado ausentes outros cacos, outros fragmentos, outras possibilidades. Também não há garantias de que os destroços tenham podido preencher plenamente o espaço da ausência. Ao contrário, como um mosaico, seria feito de peças incertas tanto quanto de espaços em branco.

Ao escrever, a suposta integridade do eu se revela falha, pois a palavra, alienada, se mostra ausente de sentido pleno e absoluto; com efeito, des-vinculada da intencionalidade. Ela tanto precede à caneta que a grava, ao poeta que lhe joga no papel em branco, quanto permanece, na folha, no cárcere, à espera do gesto. O instante, portanto, não marca um lugar-no-tempo determinado, pois tanto passado quanto futuro estão ausentes e não vazios, afinal, não indiferentes, mas pendentes. O instante, ainda que não alheio aos calendários, que não fora dos jogos e das regras linguísticas, discursivas e históricas, escapa à mensuração: não quantificável, qualificado.

Ainda que o ir-e-vir do naufrágio projete um desenho de tempo linear e causal, o instante da desagregação não seria um determinado, cronológico, mas um instante ausente, e,

por isso, repleto de sentidos possíveis, ressoado e ressoante. Este instante, anti-aristotélico, é o momento oportuno, que inscreve o gesto criativo, o ato desagregador do eu, a própria experiência do naufrágio, numa *kairologia*.

A autêntica revolução, provocou Agamben, implica (n) a descoberta de *Cairós* (ou *Kairós*), e não (n) a submissão da *praxis* à cronologia. *Cairós*, e não *Chronos*: a incoerência, a interrupção, o imensurável (AGAMBEN, 2005, pp. 107-126). Por isso a ação no tempo não objetiva outra coisa que não sua suspensão, sua fragmentação, e/ou, mesmo, sua destruição:

Vim para quebrar os relógios deste tempo que dá voltas sempre sobre ele mesmo, sempre com a mesma areia a redemoinhar-se entre portas giratórias que se abrem e que se fecham para o oco da existência. Vim para inventar trajetórias que nunca existiram a não ser na medida em que me despedaçam. (FELIX, 1981, p. 99).

O sujeito oculto da oração deixa à sombra, em aberto, o eóu da fala/ação. ÷Vimö, mas quem? O ser que é, enquanto ser-fora, aponta para as trajetórias ausentes, que carecem ser inventadas: ÷trajetórias que nunca existiram a não ser na medida em que me despedaçamö. O poema em questão é chamado *Sim*. O ÷simö, diz Agamben (2013, pp. 96-97), é a potência: a abertura do que existe, impossibilitando não ÷não-serö.

IV. CONDIÇÃO DO NÃO SER

O eu do poeta, dilacerado pela escrita dos seus ausentes, enquanto interioridade não é mais que um espectro. ÷Destroços do ser humano que não fui e que não souö é o que resta da experiência náufraga; portanto, ÷o ser que éö se revela enquanto vestígios de ausências que, no cárcere da folha, são passagens, acesso, à exterioridade. O exterior como via de acesso ao interno, e o interior como de saída ao externo, apontam que não há totalidade estanque, espaço geometrizado, como também não há garantias, como na fita de *Moebius*, do que seja um e outro.

A voz do poeta, polifônica e cacofônica, é dis-posta: posta à parte, posta-para-fora. Neste movimento, ela não abandona por completo seu autor, seu ser-falante, embora se desvinculem. Antes, seria o contrário: o dizer do poeta o ato de uma experiência de linguagem do próprio abandono. ÷Todo nos dijo adiós, todo se aleja / [...] Y sin embargo hay algo que se quedaö, disse Borges em *Son los Ríos*, depois de cantar que:

Somos el tiempo. Somos la famosa

parábola de Heráclito el Oscuro.
Somos el agua, no el diamante duro,
la que se pierde, no la que reposa. (BORGES, 1989, p. 463).

Se há voz, alguém a sopra; como se há letras, alguém as grafa. Contudo, como rio heraclitiano, nascente da dialética, o sujeito é água õque se perdeõ, cuja voz não nasce no vazio nem nele ressoa; cuja integridade é a desagregação; cujo ser é ausência, não-ser. Como se lê em II: XIII dos *Sonetos a Orfeu*, de Rilke:

Sê, e sabe da condição do não-ser,
infinita causa do teu íntimo poder.
Que, uma única vez, se fez pleno e verdadeiro. (RILKE, 2002, p. 91).

A tradução realizada por José Paulo Paes [mais semelhante à do luso José Miranda Justo (RILKE, 2005)] difere desta citada, empreendida por Karlos Rischbieter e Paulo Garfunkel, e escreve no segundo verso: õbase infinda do teu íntimo vibrarõ (RILKE, 2010, p. 187). Assim, a õcondição do não serõ é o fundamento, sem fim, sem conclusão, da vibração interior. Sabe-lo e sê-lo seria a motivação principal, nascente e limite, liberdade e cárcere, da condição do ser poeta: que reúne, num gesto, potência e abandono. Enquanto inacabado, seu ser, que vibra, é não.

O poeta não tem razões para ter orgulho:
seu impulso é todo ele feito de esperas
sob uma não-ação que o transforma
em esperanças desesperadas
a bater em portas que não se abrem. (FELIX, 1993, p. 164).

O poeta, contudo, tem seu nome cedido à reunião de cacos, de restos, que são, verdadeiramente, ausências e suas marcas. A obra, singular, com nome grafado à capa, é õsingular pluralõ.⁴ õ[...] ser poeta é reunir inúmeras vozes, é deixar-se identificar pela pluralidade vocal, pela multiplicidade somática, pelo repertório variado de imagens e signosõ (PORTELLA, 1998, p. 9). Na capa, o nome do poeta faz-se presente, podendo sugerir, com isso, consistência, coesão, identidade, unidade aos fragmentos de ausências. õ[...] mas os nomes, os verdadeiros fantasmas que são os nomes, essa duração obstinadaõ (CORTÁZAR, 2010, p. 10).

⁴ *Singular Plural* é título da coletânea de poemas de Moacyr Felix, publicada em 1998, pela Editora Record.

V. COMO SE FOSSE UMA CONCLUSÃO

A folha de papel e a existência, a obra e as lutas sociais, o autor e o leitor, a voz e a língua se atravessam porque, precários, feitos de fissuras e ausências, interior e exterior não se excluem; ao contrário, se pressupõem, se implicam, se dão acesso. Portanto, não permanecem estáveis, impedidos de criar qualquer identidade fixa com qualquer imagem, qualquer nome. Assumir a ausência, sua presença, é reconhecer que o rosto, o que está fora, ou para-fora, não é mera casca, ilusão, engano. ãComo tu és ó o teu rosto ó é o teu suplício e a tua nascenteö (AGAMBEN, 2013, p. 91). O suplício e a nascente, a morte e o renascimento marcam a realização d'ó ser que é; assim, a presença persistente do ausente.

Onde se destrói o mundo em que vivo
 aí estou.
 Onde há destruição, aí se define meu caminho.
 Onde os deuses se desmoronam é que apareço
 sem rosto
 atrás de suas formas feitas de noite e de medo.
 Onde se morre, onde se nasce.
 Onde se morre é que renasço. (FELIX, 1964, p. 39).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGAMBEN, Giorgio. *A Comunidade que Vem*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- _____. *A Ideia de Prosa*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
- _____. *Infância e História*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005.
- _____. *Profanações*. São Paulo: Boitempo, 2007.
- BLANCHOT, Maurice. *O Espaço Literário*. São Paulo: Ed. Rocco, 2010.
- BORGES, Jorge Luís. Son Los Ríos. In: *Los Conjurados*. Obras Completas III. Barcelona: Eméc, 1989.
- CORTÁZAR, Julio. Cartas de Mamãe. In: *As Armas Secretas*. São Paulo: Civilização Brasileira, 2010.
- COULANGES, Fustel de. *La Ciudad Antigua*. Madrid: EDAF, 2006.
- FELIX, Moacyr. *Canção do Exílio Aqui*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.
- _____. *Canto para as Transformações do Homem*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

_____. *Em Nome da Vida*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; São Paulo: Massao Ohno, 1981.

_____. No perguntar de um agora. In: *Antologia Poética*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

_____. *Singular Plural*. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1998.

LIMA, Carlos. *Genealogia Dialética da Utopia*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

PAZ, Octavio. *O Ogro Filantrópico*. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1989.

PORTELLA, Eduardo. *A Poesia em Ação*. In: FELIX, Moacyr. *Introdução a Escombros*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

RILKE, Rainer Maria. Das Elegias Duinenses. In: *Poemas*. São Paulo: Cia. das Letras, 2012.

_____. Os Sonetos a Orfeu. In: *Os Sonetos a Orfeu e Elegias de Duíno*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

_____. *Os Sonetos a Orfeu*. Lisboa: Relógio D'Água, 2005.

Recebido em 31/12/2013.

Aceito em 22/04/2014.